



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS BACHARELADO EM
HUMANIDADES**

FRANCISCO MÁRCIO COELHO SILVA

**OS MODOS COMO JOVENS FREQUENTADORES DA IGREJA CATÓLICA DE
PACOTI-CE PERCEBEM O TEMA DA DIVERSIDADE SEXUAL EM
EXPERIÊNCIAS DO SEU COTIDIANO.**

ACARAPE - CE

2018

FRANCISCO MÁRCIO COELHO SILVA

**OS MODOS COMO JOVENS FREQUENTADORES DA IGREJA CATÓLICA DE
PACOTI-CE PERCEBEM O TEMA DA DIVERSIDADE SEXUAL EM
EXPERIÊNCIAS DO SEU COTIDIANO.**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

ORIENTADOR: Jon Anderson Machado Cavalcante.

ACARAPE - CE

2018

FRANCISCO MÁRCIO COELHO SILVA

**OS MODOS COMO JOVENS FREQUENTADORES DA IGREJA CATÓLICA DE
PACOTI-CE PERCEBEM O TEMA DA DIVERSIDADE SEXUAL EM
EXPERIÊNCIAS DO SEU COTIDIANO.**

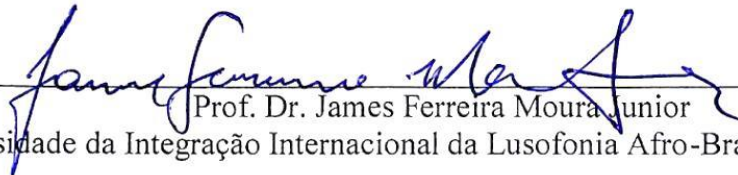
Trabalho de Conclusão de Curso de
apresentado na Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
como exigência para a obtenção parcial do
título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 29 / 05 / 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Prof. Dr. James Ferreira Moura Junior
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Prof.^{da}. Dr.^a. Fátima Maria Araújo Bertini
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico esse trabalho aos meus pais pelo incentivo que sempre me deram, aos meus dois irmãos, e aos amigos de infância e desta Universidade a qual me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora, por ter proporcionado o alcance de mais um de meus objetivos.

Gratidão em especial aos meus pais Carlos e Celma, pela responsabilidade, dedicação e esforços pelos meus estudos, e como filho.

Igualmente aos meus dois irmãos, pelo carinho e incentivo.

Grato a todos os meus amigos de infância, que até hoje mantemos as nossas amizades e os momentos de diversão, junto aos que conheci na minha vida escolar e acadêmica, que foram bastantes incentivadores e contribuidores para a conclusão deste trabalho.

Em reconhecimento, aos professores que mantenho amizade e aos que conheci nesta Universidade, de modo grato ao meu orientador pelo incentivo, compromisso e paciência para a construção deste trabalho.

SUMÁRIO

1	PROBLEMATIZAÇÃO	7
2	OBJETIVOS	11
2.1	Objetivo Geral	11
2.2	Objetivos específicos	11
3	JUSTIFICATIVA	12
4	INTERLOCUÇÕES TEÓRICA	15
4.1	Diversidade Sexual	15
4.2	Religiosidade	18
4.3	Diversidade Sexual e Religiosidades	20
4.4	Juventude e os primeiros conceitos	22
4.5	A visão da juventude religiosa sobre sexualidade (s)	25
5	METODOLOGIA	28
5.1	Método de Pesquisa	28
5.2	Lócus e participantes das pesquisas	29
5.3	Delineamento metodológico	30
5.4	Análise das informações	32
5.5	Cuidados éticos	33
	REFERÊNCIAS	34

1 PROBLEMATIZAÇÃO

Motivado por minha experiência de estudante do curso de Bacharelado em Humanidades e por, nesta universidade, a UNILAB, presenciar várias discussões e exposições sobre o tema da diversidade sexual, tenho me aproximado de diversas reflexões relacionadas a esse assunto. Junto dessas questões, tenho também aprendido de como as instituições religiosas se manifestam diante desse tema, pois as religiões ainda têm um papel social forte na formação da opinião dos sujeitos e das comunidades.

Nesse sentido, o aspecto que trago neste projeto diz respeito a como as pessoas que fazem parte de uma sociedade com múltiplas expressões da sexualidade, as percebem em experiências diante de suas crenças religiosas. Ou seja, aqui procuro pensar sobre jovens que cultivam uma dada religiosidade e, ao mesmo tempo, encontram-se em uma sociedade onde a discussão acerca da diversidade sexual se faz, em alguma medida, presente, e de como os mesmos percebem nas suas experiências cotidianas as diversas expressões da sexualidade

Dessa forma, por minha identificação católica e acompanhar dentro desta, e através da mídia a relação do tema da diversidade sexual com as instituições religiosas, observo que, cada vez mais, tem se discutido esse assunto, tanto por parte de crenças, principalmente as denominadas Cristãs, quanto pelos meios de comunicação. Como experiência relevante destaco o seminário ocorrido em 2003, “Religião e Sexualidade: convicções e responsabilidades”, o qual foi organizado por grupos acadêmicos e era composto também por uma pluralidade de percepções e posições acerca da relação acima.

Neste seminário, as pessoas presentes manifestaram uma variedade de posicionamentos sobre como vivenciam as suas religiões. Nesse aspecto, destaco inclusive aqueles que relatavam pertencer a uma dada religião específica, mas não seguiam, necessariamente, todos os seus costumes, normas, e nem aprovavam a forma como a instituição se dirigia a certos assuntos, como o da diversidade sexual. Já outros, expressavam em seus posicionamentos como os mesmos e outros indivíduos acompanhavam e lutavam por uma maior liberdade de expressão sexual, dentro e fora do contexto religioso.

Ainda sobre esses debates, observo, mais atualmente, o Papa Francisco, o qual os meios de comunicação seguem e repassam quase todas as suas ações, principalmente, quando aborda algo polêmico dentro dos preceitos da igreja. Nesse ponto, ressalto as repercussões em alguns de seus pronunciamentos em que aponta para um maior respeito, acolhimento, e manifesta ser contra a desigualdade e exclusão da comunidade LGBT, entre outros (as), dos espaços sociais e religiosos.

Assim, mobilizado por esses debates é que passo a pensar sobre as percepções de jovens moradores/as da cidade de Pacoti que, de acordo com o último censo do IBGE, em 2010, o seu número de habitantes era de 11.607, porém, já em 2017, passou a 11.960 pessoas. Outro dado apontado é que o número de católicos em 2010 na cidade era de 10.486, evangélicos eram 747, espíritas 34 e pessoas sem religião um número de 244 pessoas, entre outros¹. O que espero após mostrar esses dados, além de outros números, é notar a quantidade de pessoas que afirmaram pertencer ao catolicismo, visto que ao comparar com as outras igrejas e religiões, é parte significativa da população da cidade.

Junto disso, vejo, por ser residente desta cidade, a existência de diversas expressões da sexualidade, ao mesmo tempo que se trata de um local onde a religiosidade é bastante presente, como cita Levi Jucá (2014) “A religiosidade, importante tema de nossa história e que é profunda marca de nosso povo, fez Pacoti ser o berço de diversos sacerdotes e freiras, [...]” (p. 46). Dessa forma, chamou a minha atenção, alguns comportamentos de estranhamento ou de dificuldade de aceitação quando a manifestação da sexualidade ocorreu, em específico, entre dois homens ou duas mulheres, sejam residentes ou visitantes turísticos desse local.

Diante de todas essas questões, procuro a partir deste projeto, trabalhar com a seguinte pergunta-problema: como as/os jovens frequentadoras/es da Igreja Católica de Pacoti-CE, percebem o tema da diversidade sexual em experiências do seu cotidiano?

Pelas repercussões desses processos acima mencionados, fui mobilizado a abordar esse tema, tanto pelas minhas motivações pessoais aqui comentadas, quanto pela minha formação acadêmica e pelo conhecimento que irei obter dentro da área de Humanidades. Diante do que por mim foi explícito, sobre a minha aproximação com a pergunta deste trabalho, aponto que uma categoria importante para este projeto é a da Sexualidade, que, segundo Brigitte Lhomond (2009):

A sexualidade humana diz respeito aos usos do corpo e, em particular – mas não exclusivamente – dos órgãos genitais, a fim de obter prazer físico e mental, e cujo ponto mais alto é chamado de orgasmo. Fala-se de conduta, comportamento, relações e atos sexuais (LHOMOND, 2009, p. 231).

Identifica-se, que a autora não quis partir como conceito de sexualidade, somente relacionando as atividades sexuais, mas de como os indivíduos relacionam-se e fazem uso de seus corpos. E isso se aplica nas maneiras e/ou nos tipos de comportamentos sociais e sentimentos que as pessoas expressa em e sobre o seu corpo, seja pelo modo de se vestir, dos

¹ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/pacoti/panorama>

gestos de carinho, de amor, enfim, a partir de tudo que se soma nas relações ou conexões que ocorrem entre as pessoas.

O segundo aspecto, portanto, do problema de pesquisa deste projeto é a Religiosidade, uma qualidade experiencial que provém de qualquer religião, a qual algum indivíduo procura seguir. De acordo com Teixeira, Muller e Silva (2004), sobre a perspectiva do autor Martin Baró:

A entende como diversas formas concretas com que grupos e pessoas vivenciam a religião, expressando-se de três formas: (a) através de suas representações sociais (verticalidade/horizontalidade e transcendentalidade/historicidade); (b) através das práticas religiosas ou derivadas da religião e (c) através das relações ou vínculos com outros membros da comunidade religiosa (TEIXEIRA, MÜLLER e SILVA, 2004, p. 81)

O Psicólogo Social Martin Baró, foi um relevante pesquisador da realidade da América Latina e contribuiu para o estudo da religiosidade em um horizonte mais crítica. A partir da sua visão noto ser um conceito que indica múltiplas manifestações em diferentes situações e contextos sociais. Somo a esta perspectiva, as contribuições de Aparecido Manoel:

A religiosidade, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga, quanto como explicação para o real vivido, ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos (MANOEL 2007, p. 107).

Percebo, então, com esta última citação, que a religiosidade pode expressar e participar os modos com que as pessoas lidam com questões relevantes em seu dia-a-dia. Além disso, através desses autores, entendo a forte existência de religiosidades no Brasil, que torna não à toa, popular o comentário de que os brasileiros possuem santos para os diferentes tipos de pedido e de problemas. Outro exemplo disso são as romarias, em que são percorridas grandes distâncias para pagar uma promessa alcançada através de um santo.

Em seguida, outro aspecto da temática aqui abordada neste projeto é a categoria Juventude (s). De acordo com o Estatuto da Juventude de 2013, jovens são indivíduos com faixa etária entre 15 a 29 anos de idade². As narrativas que pretendo fomentar com esta pesquisa, são de pessoas que se encontram acima de 18 anos, uma faixa etária instituída pelo Estatuto visando uma melhor atenção dos aspectos deste fenômeno e a disponibilidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

² http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm

Em adição a essa discussão, para Cassab, “Sendo categoria social, a juventude é constantemente construída e reconstruída no próprio movimento da sociedade, diferenciando-se espacial e temporalmente” (CASSAB, 2011, p. 159). Portanto, percebo que esse conceito se refere a uma construção a partir de diferentes momentos, locais e das características dos indivíduos concretos que fazem parte dela.

Quanto a relação entre religiosidade e juventude, o artigo de Gonçalves (*et al.*), no qual se trabalhou sobre “Religiosidade, Juventude e Sexualidade”, refere-se a uma pesquisa, da que ele afirma que “Moças e rapazes católicos foram mais enfáticos sobre a necessidade de respeito à diversidade sexual” (GONÇALVES *et al.* 2018, p. 668). Noto, entretanto, para além desse estudo, que as experiências e posicionamentos que provem também das religiosidades, variam de modo complexo de indivíduo para indivíduo.

Assim, as questões aqui abordadas para o desenvolvimento deste projeto estão, em alguma medida, presentes nas vidas de jovens de Pacoti, diante do fato de que, são assuntos existentes em discussões nas redes sociais, na televisão, em revistas, durante missas e outros contextos religiosos. Porém, não necessariamente são abordadas de forma profunda, a fim de que as pessoas tenham maiores entendimentos sobre os assuntos.

As questões aqui abordadas, para o desenvolvimento deste projeto estão cotidianamente presentes nas vidas dos jovens de Pacoti, diante do fato de que, são assuntos bastante comuns em discussões nas redes sociais, na televisão, em revistas, durante a missa e entre outros lugares. Porém, não de forma profunda, a fim de que os mesmos tenham maiores entendimentos sobre os assuntos.

Portanto, o que pretendo é reunir narrativas que contenham as percepções de jovens sobre experiências do cotidiano em que se façam presentes episódios que envolvam o tema da diversidade sexual. O problema de pesquisa foca nos/as jovens que frequentam as missas da Igreja Matriz de Pacoti, porque são indivíduos que não estão muito inseridos institucionalmente ou não assumem papéis mais formais dentro de grupos de oração. O cerne é que parto do entendimento de uma religiosidade expressa de múltiplos modos, pois como, inclusive, Teixeira e Menezes apontam que o indivíduo pode “ser da igreja sem ser fiel à sua estrutura e as suas regras e ordenações” (TEIXEIRA e MENEZES, 2010, p. 92).

A partir dos pontos acima, para que se possa apreender as experiências desses indivíduos, serão realizadas: uma caracterização da participação dos jovens em seu espaço religioso, uma descrição de suas experiências do cotidiano acerca de destaque do tema da diversidade sexual, a identificação de suas percepções acerca da religiosidade e da diversidade

sexual, e a visualização dos desafios da relação entre religiosidade e diversidade sexual percebidos por esses/as jovens.

Com isso, pretendo conhecer os aspectos das experiências cotidianas frente ao tema da sexualidade. Em resumo, o projeto tem por intuito focar nas diferentes experiências, que serão de grande relevância para se averiguar como os/as jovens veem o assunto o qual se aborda a pergunta-problema.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Analisar os modos de como jovens frequentadores da Igreja Católica de Pacoti-CE percebem o tema da diversidade sexual em experiências do seu cotidiano.

2.2 Objetivos específicos

- Caracterizar a participação desses jovens nesse contexto religioso;
- Descrever as experiências em seu cotidiano em que tema diversidade sexual é destacado;
- Identificar as percepções desses jovens sobre sua religiosidade e o tema da diversidade sexual;
- Apontar os desafios da relação entre religiosidade e diversidade sexual para esses jovens.

3 JUSTIFICATIVA

A diversidade sexual, é um tema que nos últimos anos vem conquistando um grande espaço para ser debatido e discutido dentro da sociedade. Contudo, como relata Nardi (2012), o assunto passou a ser debatido na esfera pública devido as lutas sociais dos movimentos LGBT que se manifestaram no Brasil no fim da década de 1980, e que passaram a cobrar que o assunto fosse discutido na educação.

Porém, ainda hoje, as diversas expressões da sexualidade encontram resistências e obstáculos que a impedem de ser consideradas por alguns grupos sociais, e isso, como cita Busin (2012), a partir do ponto de vista de Swidler, tem participação significativa de religiões monoteístas. Diante disso, por ser frequentador da Igreja Católica e presenciar em alguns debates que partem dessa instituição ou mesmo entre fiéis, a relacionar a diversidade sexual a uma “moda”, ou ao pecado, fui motado a abordar esse tema.

Percebo que as religiões ainda têm hoje um papel de grande importância para os sujeitos e para as comunidades, além das experiências com o sagrado, refiro-me por ela contribuir para certos tipos de ordenamentos sociais, onde os indivíduos que as seguem, dependendo dos tipos de ações que pensam em realizar, por vezes assumem essas normas que abordarão, por exemplo, sobre os usos dos seus corpos. Porém, é de se saber que os modos de como as pessoas experienciam e manifestam as normas e preceitos de cada instituição religiosa, não ocorrem da mesma maneira e passam por mudanças que se refletirão nas formas com que os sujeitos expressam a suas crenças e realizam suas práticas religiosas, isso se observa a partir da pesquisa de Silva et al. (2008), e da visão de Martín Baró (1998), sobre a religiosidade.

Da mesma forma, a sexualidade também possui diversas expressões sociais e históricas que contribuem para a complexidade das relações humanas. Qualidade essa que sempre acompanhou o ser humano, porém, que ainda causa certos desconfortos quando são discutidas em certos espaços, como dentro das famílias e espaços religiosos.

Diante disso, considero o tema deste projeto de grande relevância por discutir duas questões bastante presentes na sociedade, duas qualidades do humano, ou seja, sexualidade e religião. Destaco essa importância por presenciar no BHU, em muitos momentos, nessa área, debates, discussões e movimentos sociais, entre os quais, da população LGBT, que lutam por maior liberdade, pelo fim do preconceito e pelo respeito às diversas expressões da sexualidade dentro da sociedade.

Nesse sentido, observo também dentro da Universidade, visando o seu projeto de integração e de inclusão numa relação social baseada no respeito, há oportunidades e espaços para que temas relacionados a diversidade sexual, sejam discutidos entre estudantes, com servidores/as e professores/as. Exatamente, para fazer da UNILAB um espaço que não prepare apenas para o mercado de trabalho, porém ponha em prática a construção crítica de um convívio de forma respeitosa com as diferentes características que fazem parte do ser humano.

É válido ressaltar, que por eu ser morador da cidade de Pacoti, esse foi mais um dos motivos que considero este projeto de pesquisa importante, e isso cabe ao mesmo tempo para o contexto social que há na cidade. Conforme mencionado na problematização, é que nessa cidade, assim como outros contextos sociais contemporâneos, encontro debates acerca das religiões e sexualidades que refletem os e repercutem nas percepções das pessoas em relação às diversas expressões sexuais em seus cotidianos, sejam elas residentes ou até visitantes turísticos.

Diante disso, a motivação pessoal em pesquisar sobre religiosidade e o tema da sexualidade, é também por minha experiência religiosa no Catolicismo, onde tenho observado as posições da Papa, que por vezes comenta o respeito às pessoas e com suas diferentes expressões da sexualidade. Ao mesmo tempo também acompanho no contexto social que estou presente, na Universidade, discussões e manifestações sociais as quais envolvem assuntos sobre a diversidade sexual.

Por isso, a minha escolha teve como foco a Igreja Católica, mais especificamente, jovens que assim se identificam, a fim de poder entender como os/as mesmos/as percebem o tema da diversidade sexual experiências do seu cotidiano. Em específico, escolhi trabalhar somente com os/as jovens que participam apenas das missas, já que segundo as minhas percepções, por eles participarem apenas das missas possivelmente, além de experienciarem essa religião de modos diferentes, não estão muito institucionalizados formalmente na igreja

Outro ponto, que teve grandes contribuições para que eu pudesse escolher esse assunto, ou seja, religião e sexualidade, foi por ter observado na UNILAB, poucos trabalhos que envolvam essas duas questões no mesmo campo de pesquisa. E isso, seria de grande relevância para a minha formação acadêmica e para o conhecimento que o espaço acadêmico visa construir e passar.

Através disso, no que diz respeito sobre as possíveis contribuições que este projeto poderá ocasionar para a minha formação acadêmica no BHU, saliento novamente, que deste a minha entrada nesta Universidade a UNILAB, venho acompanhando diversos eventos, como

rodas de conversas, relatos de vivências e debates da qual me vez aproxima desde tema. E por eu cursar uma área, que estuda as relações sociais e tem como objeto de estudo os acontecimentos humanos, acredito que tende a trazer grandes relevâncias para a minha vida acadêmica.

Por outro lado, por eu ser ainda discente e ainda não ter uma grande compreensão sobre assuntos e comportamentos que envolvem sexualidade e religião, vejo que pela multidimensionalidade do tema e pela interdisciplinaridade do curso, isso tende a trazer grandes contribuições para minha formação acadêmica. Considero, portanto, que a pesquisa tende a colaborar para o meu campo epistemológico, principalmente na área que pretendo escolher para me aprofundar após concluir o BHU. Isso, por abordar uma questão que cabe as disciplinas das Humanidades e das Ciências Sociais o estudo das relações humanas.

Afinal se Ciências humanas, tem em um de seus objetos de estudos, os modos com que o ser humano age, pensa e convive com outros indivíduos, então, nada melhor do que conteúdo deste projeto para as suas diversas disciplinas. Pois, o que aqui se encontra, são experiências do cotidiano de um grupo de pessoas, jovens, sobre a diversidade sexual, e sobre a qual, ao mesmo tempo, envolve a sociabilidade com outras pessoas e como sua própria religiosidade. portanto, observo que as colaborações deste projeto podem enriquecer os saberes também do campo de estudos sobre a sexualidade e a religiosidade. E, por outro lado, para o propósito social desta Universidade, já que se espera de um dos objetivos da UNILAB, é que os alunos despertem para o valor da inclusão social e não da exclusão.

Portanto, a partir do que foi dito acima, completo afirmando que a importância desta pesquisa irá trazer benefícios para além da minha vida acadêmica, e isso se refere a minha convivência nos mesmos espaços com outros indivíduos, ou seja, tanto em Pacoti quanto na Unilab. Embora, eu aborde as experiências de pessoas as quais muitas não se encontram nesta Universidade, mas de certo modo irá contribuir para o desenvolvimento do meu senso crítico e científico sobre as experiências humanas relacionadas a religiosidade e a sexualidade.

Assim, como estudante e morador, observo que seria de grande valor para o contexto social em que se encontra a cidade, um trabalho acadêmico a qual aborde de como os moradores, em específico, os/as jovens, percebem o tema da diversidade sexual em experiências do seu cotidiano.

4 INTERLOCUÇÕES TEÓRICA

Para o enriquecimento informativo desse projeto, foram analisados outros trabalhos acadêmicos, que abordaram aspectos deste assunto. A fim que se possa, com maior êxito possível diante dessas informações obtidas nesses outros estudos, notar com outros olhares e epistemologias, o que se pode acrescentar ao que foi abordado.

Diante disso, serão primeiro fundamentadas as questões que estão englobadas no tema da Diversidade Sexual, através das contribuições de outros/as pesquisadores/as, pois essa, é uma temática de grande importância para o desenvolvimento deste projeto. A segunda categoria teórica, que será abordada é a Religiosidade, pois se referir à qualidade da experiência vivida de certas religiões e para a comunidade específica a qual se faz parte. Por fim, também será considerado o que se notou diante de estudos sobre o conceito de Juventude (s), pois foi uma definição que passou por grandes transformações ao longo do passar do tempo.

4.1 Diversidade Sexual

Assuntos no que diz respeito a diversidade sexual, cada vez mais tem sido discutido na sociedade, e isso ganhou maior enfoque segundo Nardi, Rios e Machado (2012), quando movimentos de lutas e de representação social da população LGBT se formaram e se manifestaram na década de 1980.

Por sua vez, os mesmos autores afirmam que a diversidade sexual foi colocada para a discussão na vida pública pela “ação dos movimentos LGBT que nasceram ou renasceram no Brasil no final da década de 1980 e com relação direta ou indireta com a epidemia da aids e a redemocratização do país” (NARDI, RIOS, MACHADO, 2012, p. 257).

Com os debates sobre as políticas de saúde frente à epidemia da *Aids*, é que as sexualidades passaram a ser mais debatida nos espaços públicos e na esfera política mobilizada também pelos movimentos sociais:

Neste cenário social e político, a ação dos movimentos sociais foi fundamental para reverter a lógica estigmatizante dos chamados “grupos de risco” na primeira fase da epidemia. Esta reação demonstrou a necessidade de abertura do diálogo público sobre a diversidade sexual como forma de combate à epidemia que se alastrava para muito além dos denominados grupos e que fez com que a sexualidade entrasse no debate político de uma forma distinta daquela de patologização/categorização [...] (NARDI, RIOS, MACHADO, 2012, p. 257).

Nesse sentido, o tema da diversidade sexual, pelo que se passa a entender a partir desses debates na esfera pública, é um termo para o qual surgem novas, diferentes e conflitantes palavras para se dirigir às diferentes expressões da sexualidade. Sobre esse ponto, os autores indicam que:

Podemos resumir o embate discursivo contemporâneo em torno de dois aspectos: a) o reconhecimento jurídico da legitimidade dos direitos sexuais como direitos humanos e; b) a legitimidade moral e científica no campo institucional da despatologização das diversas expressões da sexualidade, corporais e de gênero. Neste embate, os termos pecado, doença, comportamento contra-natureza, inversão, imoralidade e abominação, entre outros, usados para se referir à diversidade sexual, de expressões corporais e de gênero são marginalizados no campo da ciência e dos documentos governamentais [...] É evidente que mesmo fora do uso oficial, as palavras que desqualificam as sexualidades não heterossexuais e a diversidade das expressões corporais e de gênero são língua corrente e compõe boa parte dos insultos usados no cotidiano (NARDI, RIOS, MACHADO, 2012, p. 259).

Sendo assim, em meio a essas tensões em torno dos modos de reconhecimento da diversidade sexual, cabe pensar sobre a definição de sexualidade que, ao longo da história do ser humano, foi associada a amplos significados e constituições. Assim, sobre o que se entende deste conceito, segundo Anthony Giddens e Philip W. Sutton: “Até bem pouco tempo atrás, grande parte do nosso conhecimento sobre sexualidade advinha dos biólogos, pesquisadores da área médica e sexólogos, cujos estudos remontam dos séculos XX” (GIDDENS e SUTTON, 2016, p. 203). Esses autores, procuram apontar que os conhecimentos que muitos utilizavam para se saber sobre a definição de sexualidade, a maioria provia somente ou predominantemente de estudos das ciências biomédicas.

Ainda sobre essa mesma perspectiva, Giddens e Sutton citam que: “Contudo essas pesquisas costumavam focar na psicologia individual em vez de analisar os padrões gerais da sexualidade e do comportamento sexual que são interesses dos sociólogos” (GIDDENS e SUTTON, 2016, p. 203). O que eu observo, é que para os dois autores o conhecimento que era dado e a forma como se conduziam esses estudos sobre sexualidade, negligenciavam uma base teórica que fosse de interesse das ciências humanas, ou seja focavam mais em questões reprodutivas e não nas de ordem social e históricas. O destaque aos componentes biológicos ainda é perceptível, de certo modo, em estudos como o de Trech e Rosa (2011), ao conceituarem que a sexualidade:

Consiste e contém as preferências, as predisposições e experiências sexuais na descoberta da identidade e atividade sexual, em determinado período da nossa existência. Manifestamos a nossa sexualidade através dos gestos, atitudes, comportamentos, ações e interações. Desse modo, o comportamento sexual resulta das experiências e “forças biológicas” cuja resposta envolve todo o corpo, ou seja, o nosso cérebro, nossos órgãos e química hormonal, de tal modo que a sexualidade

forma uma unidade dialética indissociável com o bem-estar sexual, constituindo e integrando o conceito de saúde em sua integralidade. (TRECH e ROSA, 2011, p. 80)

No entanto, Giddens e Sutton (2016) buscam abordar esta qualidade humana com as contribuições de outros olhares:

Nas sociedades mais antigas, a sexualidade estava intimamente associada ao processo de reprodução, mas nos dias atuais se fez uma separação entre ambos. A sexualidade se tornou uma dimensão da vida para cada indivíduo explorar e moldar. Se no passado a sexualidade era “definida” em termos de heterossexualidade e monogamia no contexto de relações conjugais, hoje existe uma aceitação crescente de diversas formas de comportamentos e orientação sexual em uma imensidão de contextos (GIDDENS e SUTTON, 2016, p. 203).

A sexualidade, em suas formas de manifestação, não se define somente no que se refere à reprodução, como dito antes, mas também a comportamentos, relações e valores que qualificam as ações sexuais, e as diferentes expressões da sexualidade.

Sendo assim, de acordo com Brigitte Lhomond, a qual traz um significado de maior profundidade quanto à sexualidade humana pois ela:

Diz respeito aos usos dos corpos, e em particular – mas não exclusivamente – dos órgãos genitais, a fim de obter prazer físico e mental, e cujo ponto mais alto é o chamado por alguns de orgasmo. Fala-se conduta, comportamentos, práticas e atos sexuais. De uma maneira mais ampla, a sexualidade pode ser definida como a construção social desses usos, a formatação e ordenação dessas atividades, que determina um conjunto de regras e normas, variáveis de acordo com as épocas e as sociedades. Essas regras e normas proíbem uma série de atos sexuais e prescrevem outros, e determinam as pessoas com as quais tais atos podem ou não e devem ou não ser praticados (LHOMOND, 2009, p. 231).

Observo, que para a autora a sexualidade não se resume somente as práticas de reprodução, mas sim, de como os indivíduos utilizam os seus corpos, seus modos de sentir e de manifestar o seu prazer consigo e com outro. Além disso, a autora não conceituou a sexualidade somente abordando questão biológicas, mas sim, seguindo Giddens e Sutton, explicitando as práticas e usos dos corpos construídas social e historicamente.

Na mesma perspectiva, segundo as contribuições de Lhomond (2009), a sexualidade não se resume somente às atividades sexuais, mas sim a um conjunto de comportamentos, agente sociais, normas e instituições que contribuem nos modos com que os indivíduos a expressam.

Portanto, quanto a essa qualidade humana, observo que não deve ser vista apenas em relação a reprodução, mas também nos aspectos emocionais dos indivíduos, e de como ela se expressa. Já que, vem passando por grandes mudanças na forma de ser abordada, de ser

manifestada, e principalmente pelo debate público sobre a existência de uma pluralidade de sexualidades.

4.2 Religiosidade

Outra categoria teórica importante neste projeto é a religiosidade, no que se dirige ao seu significado, “Religiosidade é a extensão na qual um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião” (TEIXEIRA, MÜLLER e SILVA, 2004, p. 184). Já para Martin Baró “Y por *religiosidade* entenderemos las diversas formas concretas como los grupos y personas viven la religión” (BARÓ, 1998, p. 251). Ou seja, religiosidade se refere às experiências e ações que provêm de qualquer religião, somando-se o modo como os indivíduos manifestam as suas crenças, e não necessariamente o que a sua doutrina prega.

Diante desses aspectos, de acordo com Martin Baró (1998):

Podemos distinguir três elementos de la religiosidade: *a)* las representaciones religiosas; *b)* las practicas religiosas o derivadas de la religión, y *c)* las relaciones y vínculos com los otros miembros de la comunidade religiosas (BARÓ, 1998, p. 252).

Dentro desta mesma perspectiva, Martin Baró (1998), esclarece as características dos três tipos de religiosidades:

Las *representaciones religiosas* se refieren a todas aquellas creencias y símbolos propios de una confesión o fe mediante los cuales las personas interpretan su vida y su realidad. Las *prácticas religiosas* se refieren a todos aquellos comportamientos que pretenden vincular (<<religar>>) al hombre com Dios, como son las oraciones, peregrinaciones, lecturas religiosas y actos litúrgicos, ya sean individuales o colectivos. El último elemento de la religiosidade lo constituyen las *relaciones y vínculos* que los individuos establecen com los otros miembros de su confesión, iglesia o comunidad (BARÓ, 1998, p. 252).

Desta forma, observo que a religiosidade pode acontecer de diversas formas, mas ocorre principalmente através da influência das práticas sociais próximas aos sujeitos, pois é bastante comum logo quando a criança nasce, já a inserir dentro de dado contexto religioso, inclusive ao qual os pais pertencem. É como um grupo de pesquisadores notaram, pois segundo Silva et al. “A adesão religiosa dos jovens entrevistados mais frequentemente é descrita como herança familiar” (SILVA, SANTOS, LICCIARDI e PAIVA, 2008, p. 686). No entanto, já se percebe que no cenário religioso do Brasil, tem ocorrido mudanças, pois há uma maior liberdade até dentro da família quanto a escolha outra religião e o convívio no mesmo espaço.

Assim, segundo Busin “[...] a cultura brasileira é permeada por intensa religiosidade” (BUSIN, 2011, p. 113). Na minha percepção quando ele fala, que o brasileiro é bastante religioso, ele cita todas religiões, desde a cristã até às religiões afrodescendentes, como o Candomblé, a Umbanda e entre outras, responsáveis também pelo desenvolvimento sociocultural deste país.

De acordo como Busin “Normalmente, tendemos a pensar que as denominações religiosas são responsáveis pelo comportamento de seus fiéis, como se se tratasse de uma via de mão única” (2011, p. 113). Como citei no começo deste tópico, religiosidade não se define por apenas seguir o que a religião prega, mesmo que ainda tenha um papel social bastante forte tanto para o sujeito quanto para a comunidade religiosa, mas isso ocorre, porque o indivíduo também participa das escolhas relativas à maneira de expressar a sua crença.

Além desses aspectos, que influenciam nas práticas religiosas, segundo Martin Baró “(BARÓ, 1998, p. 250). Não só dentro da religião, em razão de se perceber, de que mesmo alguns membros da sociedade se colocando como ateus, ou sem nenhuma crença, em certos momentos acabam praticando algum gesto de alguma prática religiosa.

Diante disso, Teixeira et al. (2004), cita que Martin Baró (1998), identificou dois tipos de religiosidades aqui na América Latina, a primeira:

A Religião da Ordem se apresenta [...] como: (1) indutora das pessoas na procura de uma compensação espiritual e metahistórica, de todas as penalidades e sofrimentos deste mundo; (2) promotora da fé na intervenção direta de Deus sobre o projeto sociopolítico dos homens, propiciando uma atitude de evasão e passividade frente à responsabilidade histórica de cada um; (3) como a religião da ordem que oferece também uma catarse, propiciando uma liberação puramente emocional das condições opressoras da realidade (BARÓ, 1998 apud TEIXEIRA, MÜLLER e SILVA, 2004, p. 80).

E a segunda, que é a religiosidade emancipadora:

A Religião Emancipadora apresenta, por outro lado, três traços diferenciados: (1) A concepção histórica da salvação (o paraíso deve ser construído aqui e não esperar o Céu); (2) Desenvolvimento de ações comprometidas com a comunidade; (3) Vivenciar a fé em comunidade (BARÓ, 1998 apud TEIXEIRA, MÜLLER e SILVA, 2004, p. 80-81).

Assim, para Martin Baró (1998):

La hipótese de trabajo es que estas dos dimensiones de la religiosidad van ligadas a distintas representaciones, prácticas y vínculos religiosos y que, en el caso concreto de los pueblos latino-americanos, sirven de vehículos a distintos intereses sociales y políticos: cuanto más vertical y trascendente la de las personas, más tenderán a apoyar una <<religión del orden>> conservador, mientras que cuanto más horizontal e histórica su religiosidad, más tenderán a vincularse con una

<<religi3n subsersiva>>, favorable a los cambios sociales progressistas e incluso revolucion3rios (BAR3, 1998, p. 254).

Portanto, observo que a religiosidade, a partir da vis3o de Martin Bar3, 3 algo bastante complexo diante das escolhas de como os indiv3duos expressam a sua religi3o. Ao mesmo tempo, analisando essas ideias sobre religi3o, e de como s3o expressadas as religiosidades aqui no Brasil, j3 que, pelo que acompanho ao menos na Igreja Cat3lica, vejo que de certa forma, as duas s3o bastantes presentes no catolicismo.

4.3 Diversidade Sexual e Religiosidades

As diversas express3es da sexualidade ainda hoje encontram fortes resist3ncias contra a sua aceita3o, marcadas por fatores hist3ricos qual as acompanham, o que o torna um assunto bastante pol3mico e que se deve tomar cuidados e aten3o ao se dirigir a reflex3o, principalmente sobre o tema religi3o.

Como percebo em Giumbelli, quanto 3 fala da M3e Beata Beatriz Moreira Costa em um semin3rio ocorrido em (2003), sobre “Religi3o e Sexualidade: convic3es e responsabilidades”, ao trazer que “Falar sobre sexualidade 3 um assunto t3o delicado e pol3mico dentro das religi3es, de qualquer religi3o”. Uns compreendem, outros n3o compreendem as nossas quest3es, o que n3s sentimos, o que n3s vemos” (GIUMBELLI, 2003, p. 82). A sexualidade, embora, ela esteja presente e fa3a parte da vida humana, por muito tempo ela foi vista como algo que deveria ser combatido ou silenciado, diante dos seus efeitos sobre rela3es humanas.

Em Melki Busin (2003), inspirada nas palavras de Natividade (2005), vamos encontrar o seguinte discernimento “[...] que tanto a sexualidade quanto a experi3ncia religiosa s3o modeladoras da subjetividade das pessoas, levando a formas distintas de se perceber o mundo e de estar nele, [...]” (NATIVIDADE, 2005, apud BUSIN, 2011, p. 116). Em s3ntese, s3o duas qualidades que fazem parte do modo de vida do indiv3duo e que ao mesmo tempo, al3m de pertencerem ao sujeito, existem diferentes modos de a expressarem segundo a 3poca e sociedade.

Conforme ressalta Melki Busin “A sexualidade foi expulsa da esfera p3blica devido ao papel que exerce na fam3lia (e que a fam3lia exerce sobre ela, [...]) e na interioridade das pessoas” (2011, p. 114). A partir da fala de Busin, fica mais evidente p3r qual motivo o debate sobre a sexualidade causa certos inc3modos na sociedade, e de porque 3 um assunto que pouco se discute dentro das fam3lias.

E possivelmente esta “família”, a qual Busin cita, é a que até hoje é mantida por algumas religiões, como um modelo e que ainda tentam manter. Assim, segundo Swidler “De forma muito geral, podemos afirmar que as grandes religiões monoteístas são as que mais dificuldades impõem para a aceitação da diversidade sexual, [...]” (SWIDLER, apud BUSIN, 2011, p. 118). Sendo assim, dentro dessas religiões podemos destacar as cristãs por ter uma posição bastante forte diante do assunto, e por algumas igrejas serem compulsoriamente negadoras da diversidade sexual.

Dessa forma, se destaca também a igreja católica, pois, segundo Busin, “A visão negativa da sexualidade pela Igreja católica vem de longa data. A noção de sexo como algo a ser evitado veio da combinação de concepções dos estoicos e dos gnósticos, entre outros” (BUSIN, 2011, p. 109). Aqui se observa, que a noção sobre sexualidade era somente associada à atividade sexual e à reprodução, no entanto hoje não é apenas definida assim, já que existem diferentes expressões das sexualidades.

Na mesma linha de raciocínio, cita Melki Busin “O Catolicismo vê a sexualidade como algo intrinsecamente mau, que deve ser tolerado basicamente por ser necessário à procriação. Essa ideia é baseada nas sagradas Escrituras, tanto no Antigo como no Novo Testamento” (BUSIN, 2011, p. 109). Essa citação, serve para reforçar que o conceito de sexualidade era e ainda é associado a reprodução, e de porque as diversas expressões da sexualidade ainda encontram resistências para a sua aceitação, já que não podem constituir a família modelo defendida por igrejas cristãs, ou seja, homem, mulher e seus filhos.

Um outro conflito também se encontra nas tentativas de inserir o assunto na educação, o que Nardi indica na “[...] decisão da Presidente Dilma Rousseff de suspender o kit pedagógico destinado a auxiliar professoras e professores a debater as temáticas da diversidade de orientação sexual” (2012, p. 256).

Observo que a participação de instituições ou agentes religioso na tentativa de barrar os estudos da diversidade sexual, é capaz de afetar até a educação, algo que não é ponto forte do Brasil, mas completo o parágrafo utilizando as palavras de Machado (2012), de que isso acontece por estamos “[...] profundamente arraigado em nossa cultura marcada por fortes hierarquizações relativas às sexualidades” (MACHADO, 2012, p. 264). Mas isso ocorre, porque além da educação não incentivar e não trabalhar o assunto, as religiões ainda têm um papel de grande influência na sociedade brasileira.

Contudo, não podemos negar que mesmo a diversidade sexual encontrando uma serie de tentativas de restringir seu amplo debate público, ela vem a cada dia conquistando novos espaços, como argumenta Nardi “A aceitação legal da diversidade sexual e da afirmação dos

direitos sexuais (Rios, 2007) tem avançado no contexto brasileiro, mais por meio da jurisprudência e por ações do executivo do que na esfera legislativa” (NARDI, 2012, p. 257). Na verdade, setores do sistema político do Brasil junto ao preconceito enraizado, tentam legislar sobre a sociabilidade entre e dos diversos grupos sociais.

4.4 Juventude e os primeiros conceitos

O conceito de juventude é de grande importância para a realização deste trabalho, a qual é ao mesmo tempo é um período da vida que se mostra ser extremamente complexo. Por isso, sob esta visão Trancoso (2012), notou em outros trabalhos que abordaram sobre juventude, que a maioria ou utiliza o termo no plural ou diversidade de jovens, pois eles abordam a juventude além de uma única concepção.

Diante disso, Rocha Trancoso esclarece afirmando que “A Juventude é um conceito em andamento, em constante construção [...]” (TRANCOSO, 2012, p. 90). Um conceito, que após leituras de alguns livros ocorre desde na Idade Média, como o livro “*Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução*” de Clarice Cassab (2011). Contudo, em contextos bem diferentes do que se encontra hoje, pois de acordo com o Estatuto da Juventude de 2013, jovens são indivíduos com faixa etária entre 15 a 29 anos de idade³. Assim, identifica-se que é um conceito que passa por constantes mudanças, afetado pelo tempo e os interesses da sociedade.

Para Cassab “A juventude é percebida como uma etapa da vida na qual os indivíduos possuiriam uma maneira própria de ver, sentir e reagir – características que seriam específicas dos jovens” (CASSAB, 2011, p. 151). Mas, algumas das características que são designadas, das muitas não pertencem a faixa etária indicada no Estatuto da Juventude, pois algumas são associadas só pelo acaso. Já, na visão de Rocha Trancoso (2012):

Juventude é, ao mesmo tempo, uma condição pela qual se passa e na qual se está ainda que temporariamente, uma situação concreta de vivência das experiências decorrentes e uma representação social, fato que influencia diretamente nos dois aspectos anteriores, podendo determinar o valor de se estar nesta condição, e determinadas experiências a serem vivenciadas (TRANCOSO, 2012, p. 99).

Por outro lado, as ideias sobre o conceito, as quais hoje são expressadas são bem diferentes do que era associado na Idade Média, diante que, destaca Cassab (2011), que para Pastoureau (1996), a juventude na idade média, englobava indivíduos de 21 a 35 anos.

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm

Por sua vez, para Cassab “Num caso ou noutro, a juventude, na Idade Média, era frequentemente associada à desordem. Os escritos pintam uma juventude turbulenta, ruidosa, violenta e perigosa” (CASSAB, 2011, p. 149). Todavia, ainda hoje ocorre de associar isso, como características específicas dos jovens. De acordo com Clarice Trancoso “A juventude também tem sido abordada como sendo um grupo de pessoas que, por estarem nesta fase ou condição, possuem posturas esperadas, que lhes são próprias, intrínsecas à condição de juventude” (TRANCOSO, 2012, p. 113).

No entanto, por esse grupo se encontrar na fase que se caracteriza como da juventude, por vezes, só associam essas características somente a sujeitos com idades até dezoito anos.

Com o passar dos anos, e já que a sociedade passa por momentos de desenvolvimento e transformação, segundo Cassab (2011)

Dos séculos XVIII e XIX em diante, a juventude é percebida como uma etapa da vida na qual os indivíduos possuiriam uma maneira própria de ver, sentir e reagir – características que seriam específicas dos jovens (CASSAB, 2011, p. 151).

Embora, seja a mesma citação a qual foi comentada antes, só uma questão a levantar. Que quer dizer que anterior os esses dois séculos, as ideias que eram dadas para a juventude não faziam parte da característica dos (as) jovens? A intenção não é criticar a ideia da autora, porém reforçá-la, que talvez algumas “dessas maneiras de ser” eram inseridas e construídas para os/as jovens.

Para Cassab “A partir desse momento, a juventude é identificada como um período específico da vida, em que se desfruta de certos privilégios. Um momento entre a maturidade biológica e social” (CASSAB, 2011, p. 151). Apesar disso, ainda não tinha sido estabelecido um tipo de faixa etária estável que fosse específica para esse período, até pelas mudanças que estavam ocorrendo diante dos efeitos da Revolução Industrial.

Assim, pós passar as primeiras fases da revolução que causaram maiores impactos nos comportamentos da sociedade, argumenta Cassab (2011):

Será nessa transição do século XIX para o XX que se forjam algumas das concepções sobre juventude ainda hoje presentes. A juventude passa a ser associada a um período de emoções violentas, agressividade, instabilidade emocional e curiosidade sexual sem limites (CASSAB, 2011, p. 154).

Nota-se, que mesmo como o passar do século ainda se cria uma imagem prolixa sobre a Juventude, e não procura, possivelmente, como maiores estudos uma associação mais concisa sobre o conceito. Assim com o passar do século e com a chegada da modernidade,

cita Cassab “A partir de então, os jovens são vistos como “propícios a contraírem toda espécie de males, doenças do corpo e da mente, perversão sexual, preguiça, delinquência, uso de tóxicos e etc.” (CASSAB, 2011, p. 155). Observa-se de como se comporta a mídia, que ainda hoje a juventude é retratada dessa forma, principalmente em novelas.

Em adição com a citação anterior, na opinião de Cassab “É assim, portanto, que a juventude adentra o século XX como um problema e um campo de intervenção das ciências e das políticas públicas. Seus desejos, seus impulsos, sua imprevisibilidade, precisam ser controlados e disciplinados” (CASSAB, 2011, p. 157). Ou seja, o Estado coloca para as escolas e com políticas educacionais essa tarefa, porém, como ainda ocorre, não dá os materiais necessários.

Portando, já que estamos discutindo sobre “Juventude e seus conceitos, Clarice Cassab (2011), cita que:

A princípio, é possível delinear três grandes acepções que norteiam o conceito de juventude. Uma primeira, que procurará definir juventude a partir de um recorte etário – entre 15 e 24 anos, no caso da Organização Mundial de Saúde (OMS). A segunda relaciona a juventude a uma fase de transição – a passagem da infância à vida adulta. Por fim, uma última, que associa a juventude a um eterno devir, a um projeto de futuro, sendo, portanto, negado o presente (CASSAB, 2011, p. 158).

Diante disso, se nota que é uma fase da vida que tem amplos conceitos e bem complexo, que além de receber inúmeras ideias, ao mesmo tempo acompanha uma sociedade do qual sofre grandes mudanças.

Portanto, a partir do argumento anterior, do ponto do de vista de Cassab “Sendo categoria social, a juventude é constantemente construída e reconstruída no próprio movimento da sociedade, diferenciando-se espacial e temporalmente” (CASSAB, 2011, p. 159). As ideias que se refere a essa fase da vida, muitas vezes são construídas dependendo do local a qual esse grupo ocupa, da posição que ele se encontra e o período de algum acontecimento que irá associar como características dos (as) jovens.

Porém, podemos colocar dentro dessa categoria social, algo que faz com que isso exista e se manifeste, podemos dizer que é um tipo de construção social, pois segundo Trancoso “[...]dois grandes fazedores de juventude: as políticas públicas de um lado e o mercado de outro” (TRANCOSO, 2012, p. 180). A sociedade, ao longo do tempo cria característica para a/s juventude (s), pois antes eram vistos como rebeldes, violentos e entre outros, mas, hoje se soma com consumista.

4.5 A visão da juventude religiosa sobre sexualidade (s)

Em síntese, como foi fundamentado anteriormente dos conflitos que a diversidade sexual encontra, mas principalmente diante das religiões. Viso revisar a partir de outras pesquisas, os comportamentos religiosos dos jovens em relação a diversidade sexual ou a sexualidade.

Assim, menciono novamente as diferentes formas de expressar a religiosidade a qual Martin Baró (1998, p. 252-253), identificou: a primeira, envolve a religiosidade expressa a partir das crenças e símbolos religiosos, como o terço, a Bíblia e entre outros. Dessa forma, o indivíduo religioso agir a partir de dois elementos, da mensagem de salvação que se agredida partir dos elementos representativos de sua religião, já o outro, são os símbolos utilizados para se conectar a Deus e manter a relação com seres humanos.

A segunda, é a religiosidade manifestada nas práticas religiosas, a qual procura-se manter a conexão com Deus ou com o sagrado, ou seja, ir à missa ou ao culto, fazer o sinal o Pai-nosso, fazer uma oração, realizar as peregrinações. Já a terceira forma, é a que partem das relações com indivíduos pertencentes a mesma religião, que para Martin Baró, pode ocorrer de diferentes maneiras.

Diante desses aspectos religiosos, e a partir das leituras de outros trabalhos de pesquisadores (as), se observou que alguns jovens tem um comportamento de não exclusão em relação as diversas opções sexuais, a qual se mostra que a religiosidade é expressa por mais de uma maneira, assim como descrito por Silva et al. (2008):

Abrem mão da lei de inspiração divina para dar lugar a outros padrões sociais contemporâneos, aos discursos que valorizam o uso do preservativo e de métodos contraceptivos, além de serem abertos a diversas orientações sexuais e ao sexo antes do casamento (SILVA, SANTOS, LICCIARDI e PAIVA, 2008, p. 691).

De fato, é de se notar que a conduta dos jovens com as outras opções sexuais, são bem diferentes das dos adultos, muitas de suas ações são de não restrição de nenhum indivíduo dos espaços a qual se encontram. Entretanto, na minha percepção, para que isso ocorra os efeitos não vêm só dá família, mas conduto da instituição religiosa a qual faz parte, do contexto social em que se encontram e de como expressa a sua religiosidade.

Dessa forma, de acordo com Martin Baró (1998):

Há também um conjunto de comportamentos que, mas não são principalmente religiosos (seu objeto não é a re-ligação com Deus ou abordar a realidade ultima da vida), é derivado de convicções religiosas. Normalmente cada religião inclui valores e princípios éticos que definem formas adequadas para agir na vida. [...]. Esses

comportamentos adequadamente secular ou não religioso podem tornar-se uma parte essencial da prática religiosa entre membros de uma confissão ou igreja (BARÓ, 1998, p.252-253).

Diante desta última citação, se observa a ideia da existência de comportamentos que não necessariamente são de uso religioso, ou seja, mesmo que o indivíduo tenha ligação com a religião, o sujeito agir a partir da sua própria decisão.

Segundo Silva et al. “[...] orientações do Papa. Ainda que reconhecido por eles como a autoridade máxima da Igreja, os jovens não aceitam todas as suas orientações, que consideram antiquadas” (SILVA, SANTOS, LICCIARDI e PAIVA, 2008, p. 691). É válido ressaltar que Papa desta época da pesquisa, não é mais o mesmo, pois hoje é o Papa Francisco, onde escutei uma de suas pregações de que o modo como se deve evangelizar os/as jovens, não é da mesma forma com que se evangeliza um adulto, pois os comportamentos são diferentes.

Outro ponto a considerar, segundo Silva et al. “Moças e rapazes católicos foram mais enfáticos sobre a necessidade de respeito à diversidade sexual” (SILVA, SANTOS, LICCIARDI e PAIVA, 2008, p. 688). Por sua vez, isso se aplica diante da forma de como os jovens presenciam e de como escolhem manifestar a sua religiosidade.

Conforme ressalta Silva et al. “Jovens umbandistas demonstraram maior abertura e respeito pela diversidade sexual, trouxeram inclusive relatos de experiências homoafetivas vividas por eles ou por pessoas muito próximas e entre frequentadores dos terreiros” (SILVA, SANTOS, LICCIARDI e PAIVA, 2008, p. 687). Provavelmente, a Umbanda é uma das religiões formadas a partir de outras, de maior respeito em relação a diversidade sexual, já que não herdou todas as posturas dos princípios europeizado.

É claro que os mesmos pesquisadores encontram ideias diferentes, diante que “Os relatos dos evangélicos pentecostais negavam a existência de frequentadores não heterossexuais em seus templos ou em outros templos irmãos. Só seria possível ser evangélico pentecostal identificando-se e sendo identificado como heterossexual” (SILVA et al. 2008, p. 688). De certa forma, se nota que ainda ocorrem a negação da existência das diversas expressões da sexualidade na sociedade.

Por outro lado, na visão de Silva sobre os/as jovens religiosos “Os entrevistados não se envergonham da sexualidade pois a concebem-na como divinizada se orientada pela moral que valorizam, compartilham e ressignificam” (SILVA, SANTOS, LICCIARDI e PAIVA, 2008, p. 686). O que se observou é que, para esses indivíduos a sexualidade é algo criado por

Deus, mas as religiões têm que ter a postura de tratar também daquilo que os jovens gostariam de ouvir, e não só as suas visões religiosas.

5 METODOLOGIA

5.1 Método de Pesquisa

A pesquisa a qual realizarei pode ser entendida como uma investigação qualitativa. Na medida em que, segundo Bruno Malheiros (2011), a produção de dados qualitativos exige também bastante precisão do pesquisador, já que as informações coletadas partem dos sentidos particulares dos sujeitos participantes da pesquisa, os quais o pesquisador busca a partir de uma interpretação profunda acessar a realidade de suas experiências.

Assim, na perspectiva qualitativa, para Uwe Flick (2013), além das suas questões de pesquisa serem muitas mais abertas, sem uma preocupação central com uma quantificação, a escolha dos participantes é feita aleatoriamente, buscando compreender aquilo que está sendo estudado a partir das próprias palavras e percepções dos/as entrevistados/as.

Diante do que foi dito, afirma Godoy, “De maneira diversa, a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados” (1995, p. 58). Isso, porque ela visa uma análise mais atenta à complexidade semântica das ações humanas e com abordagens interpretativas dos fenômenos.

Então, dentro desta perspectiva, sobre do que se trata a pesquisa qualitativa, Godoy conceitua que: “Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, [...]” (1995, p. 58). Portanto, observo, a partir da visão da autora, o melhor modo condução metodológica para o desenvolvimento deste trabalho a abordagem qualitativa, pois os procedimentos a quais dela fazem parte, vão de maior encontro com os sujeitos participantes desta pesquisa ao focar na apreensão de suas vivências.

Ao mesmo tempo, para que se alcance o que se deseja nos objetivos específicos desse projeto, os conjuntos de procedimentos investigativos os quais a qualitativa oferece poderão trazer maiores contribuições. Pois o objetivo (s) geral e os específicos, só serão alcançados se eu a tiver como método de investigação, já que oferece e pressupõe a busca por melhores meios de apreensão das experiências dos sujeitos sobre as relações entre diversidade sexual e religiosidade

5.2 *Locus* e participantes das pesquisas

Além disso, esta pesquisa tem como estratégia de produção de dados o estudo de campo, onde em Malheiros (2011) vamos encontrar o seguinte esclarecimento: “Ir ao campo levantar os dados significa ir ao encontro do objeto de estudo, sem integrar-se a ele” (p. 97). Portanto, observo, que esse estudo é de grande importância para a metodologia e para essa investigação, por ser responsável tanto por fazer com que o pesquisador vá de encontro às pessoas participantes da pesquisa, quanto por proporcionar que eu obtenha a partir da realidade dos indivíduos, as melhores informações sobre suas experiências.

Assim, a forma de produção dos dados tende a ser esta, afim de que se possa com maior êxito possível, alcançar os objetivos geral e específicos, já que, para serem contemplados, procedimentos ausentes do *locus* concreto, não oferecerão de forma compreensível e realista, uma investigação minuciosa sobre o objeto pesquisado, ou seja, de como os sujeitos percebem e entram em contato com diversas expressões da sexualidade em seu cotidiano.

Portanto, o local onde irá ocorrer a busca de informações é em Pacoti, cidade localizada no Estado do Ceará, em uma região conhecida como Maciço e Serra de Baturité, onde se encontra entre Guaramiranga e Palmácia. No dizer de Levi Jucá (2014), foi elevado como cidade em 02. 03. 1938, a qual o seu nome provém do mesmo do rio, ou seja, “Rio Pacoti”. Desta forma, por se localizar na Serra, e entre essas duas cidades, é um local turístico onde recebe também, durante o ano todo, um grande número de visitantes, com diferentes características, classes sociais e personalidades.

Portanto, a coleta de informações ocorrerá, procurando jovens religiosos/as católicos/as, moradores/as desta cidade, e de modo a entender como os/as mesmos/as percebem a temática da diversidade sexual em experiências. Por isso, aproximação a esses sujeitos ocorrerá antes da missa na Igreja Matriz de Pacoti, já que após o término, esses indivíduos costumam se dispersar muito rápido do local, que por sua vez, afetaria no convite para participação na pesquisa e assim expressarem as suas percepções e narrativas sobre suas experiências.

Os participantes da pesquisa, serão, portanto, jovens católicos/as maiores de 18 anos, moradores da cidade e frequentadores/as dessa religião há pelos menos 01 anos. Além disso, seriam pessoas sem funções maiores na Igreja Matriz, para alcançar aqueles/as que não seriam jovens com digamos papéis mais institucionais. Os/as pesquisados/as, serão, preferencialmente, de diferentes identidades de gênero, com diversas expressões da

sexualidade e aspectos como classe social, raça, pois a pesquisa vai ao encontro da heterogeneidade própria da juventude e, conseqüentemente, de suas experiências, para o maior enriquecimento informativo desta investigação.

5.3 Delineamento metodológico

Dessa forma, o delineamento indicado para este projeto é a pesquisa narrativa, que segundo Malheiros “Seu objetivo é compreender a história de vida ou a história social de grupos restritos de pessoas” (MALHEIROS, 2011, p. 91). Assim, se identifica que é um método o qual não requer um grande número de participantes para que tenha a efetivação do objetivo de pesquisa. Já que uma pesquisa narrativa pode acontecer até com uma pessoa.

Assim, a pesquisa narrativa visa uma busca pela qual tende de ir ao encontro e analisar as palavras e as manifestações das experiências de sujeitos pesquisados, pois na visão de Malheiros “Ao levantar a história com uma pessoa, que comporá a narração, é preciso analisar o discurso para a se chegar a alguma conclusão” (MALHEIROS, 2011, p. 91). Esta pesquisa se caracteriza por ser qualitativa, a qual tende a atuar de forma interpretativa diante das informações obtidas, na pesquisa narrativa o mesmo tem de acontecer, ou seja, interpretar e entender o que o falante está querendo expressar sobre momentos vividos, para que se possa contemplar os objetivos da pesquisa.

Nesse ponto, os autores Martin W, Bauer e George Gaskell citam que: “Narrações são ricas de colocações indexicadas, a) porque elas se referem à experiência pessoal, e b) porque elas tendem a ser detalhadas com enfoque nos acontecimentos e ações” (BAUER, GASKELL, 2000, p. 92). Além disso, para Malheiros (2011):

As pesquisas narrativas têm três características fundamentais: são cronológicas, significativas e sociais. Cronológicas porque seu desenvolver segue a linha do tempo em relação aos acontecimentos que narra, significativas porque devem considerar somente os fatos que contribuem para responder ao problema que foi pressuposto, e sociais porque não almejam conhecer a história de uma pessoa específica, mas utilizá-la para entender tal fenômeno em uma visão maior (MALHEIROS, 2011, p. 92).

Portanto, depois das duas exemplificações dos autores, a pesquisa narrativa é a mais aplicável, diante que, ela me possibilita como pesquisador, buscar as percepções sobre as experiências desses jovens, frequentadores/as da Igreja Católica de Pacoti, em relação ao tema da diversidade sexual no seu dia a dia. Dessa forma, para que ocorra esse estudo terei de buscar as narrativas desses sujeitos de modo atento à característica social dita por Malheiros.

Soma-se a isso que, a pesquisa narrativa, é a que oferece os melhores procedimentos e técnicas para esse estudo compreensivo e interpretativo dessas informações.

Dessa maneira, uma técnica a qual será utilizada para a análise e a produção de informações dos/as participantes da pesquisa, é a entrevista episódica. Do ponto de vista de Bauer e Gaskell: “A entrevista episódica se baseia em um guia de entrevista com o fim de orientar o entrevistado para os campos específicos a respeito dos quais se buscam narrativas e respostas” (FLICK, 2000, p. 118). Assim, para o mesmo autor (2000, p. 118), o pesquisador tem de ter uma postura compreensiva diante do assunto da pesquisa e das perguntas da entrevista, para que possa fazer com que o entrevistado desenvolva novas narrativas. Ainda sobre esse ponto, Uwe Flick (2000) descrevem que:

Neste passo, é importante desenvolver uma compreensão preliminar da área em estudo, de tal modo que partes relevantes e que o guia possa permanecer suficientemente aberto para acomodar qualquer aspecto novo que possa emergir ou ser trazido pelo entrevistado (FLICK, 2000, p. 118).

O pesquisador que escolhe a entrevista episódica como técnica de produção de informações, tem que prezar por cuidados ao propiciar a atenção sobre comportamentos e acontecimentos, para que não restrinja ou iniba o processo narrativo dos/as entrevistados/as.

Portanto, o que almejo ao utilizar essa técnica de entrevista, é que possa de forma compreensível acessar o que se encontra no objetivo geral deste projeto. Diante que, além de ouvir as suas narrativas, terei que agir de forma sensível e respeitosa para que os/as entrevistados/as se sintam a vontade e relatem as suas experiência, ou seja, suas percepções sobre episódios em relação ao tema da diversidade sexual. Pois, outra técnica não possibilitaria com maiores êxitos, obter e alcançar as condições favoráveis para o surgimento de bons relatos desses jovens.

Além disso, essa técnica de entrevista também dará conta dos objetivos específicos, pois para que todos sejam alcançados terei que entrevistar os/as jovens, mediante as seguintes questões:

1. Como é a sua participação na Igreja Católica?
2. O que você entende por diversidade sexual?
3. Como a sua religião vê o tema da sexualidade?
4. Conte episódios da sua vivência religiosa em que o tema sexualidade esteve presente.
5. Conte-me os desafios que você enxerga na relação entre a sua religiosidade e essa temática.

Desta forma, será respondido a participação dos (as) jovens no contexto religioso na 1º questão, os seus entendimentos sobre diversidade sexual e de como eles/elas observam o comportamento da sua religião diante do tema sexualidade no 2º e 3º tópico, narrações de suas experiências religiosa na presença do tema sexualidade no 4º tópico, e quanto aos desafios da relação entre religiosidade e diversidade sexual para esses jovens na questão 5. Assim, a construção das narrativas irá ser realizadas a partir destas perguntas, e ao mesmo tempo, ao ir a campo e utilizar a técnica da entrevista episódica, os objetivos poderão ser contemplados de forma interpretativa e compreensível.

5.4 Análise das informações

Diante do foi exposto, Malheiros (2011) aponta que a perspectiva narrativa:

Por ser uma pesquisa que se baseia na história que é contada por uma pessoa ela é eminentemente qualitativa, o que implica o modelo que será escolhido para a análise dos dados coletados. Ao levantar a história com uma pessoa, que comporá a narração, é preciso analisar o discurso para se chegar a alguma conclusão” (MALHEIROS, 2011, p, 91).

Dessa forma, as informações a qual serão recolhidas no uso das narrativas, serão também melhor apreendidas, a depender do tipo de análise a qual eu utilizarei para observar os conteúdos das respostas. Esse autor aponta que:

Quando é possível se fechar um problema de forma adequada, a técnica pode trazer respostas que outros métodos não seriam capazes. É importante reforçar que esse procedimento é utilizado para compreender vivências de uma pessoa, e só é possível conhecê-las por dois caminhos: observar (como no estudo de coorte) ou perguntar ao sujeito que vive a experiência, buscando extrair o que há de significado e relevante (MALHEIROS, 2011, p. 93).

Em complemento ao que foi abordado nesse trabalho de Bruno Malheiros, Creswell (2014) aponta que:

Considerando-se esses procedimentos e suas características, a pesquisa narrativa é uma abordagem desafiadora de ser usada. O pesquisador precisa coletar ampla informação sobre o participante e precisa ter um entendimento claro do contexto da vida do indivíduo. É necessário um olhar atento para identificar na fonte o material que reúne as histórias particulares para captar as experiências do indivíduo (CRESWEEL, 2014, p. 72).

Observo que, apesar da pesquisa narrativa ser acompanhada também de procedimentos, a qual o pesquisador necessita tanto de informações quanto de conhecimentos

sobre o pesquisado, ela é aqui oferece as melhores técnicas para a análise de suas experiências, já que vai de maior busca ao sujeito.

Dessa forma, para analisar as informações, segundo Zaccarelli e Godoy (2013, p. 28), Riessman (2008), considera haver três tipos de análises de narrativas: a temática, a estrutural e a dialógica. Portanto, para a melhor compreensão tanto dos entendimentos quanto das narrativas dos jovens pesquisados, utilizarei a análise temática, pois de acordo Zaccarelli e Godoy (2013):

O foco da análise temática é a investigação do que é dito e experienciado pelo narrado. [...]. A análise temática é centrada no caso e não se preocupa com o que é possível encontrar em vários casos; trabalha com o que foi dito (told) e não com a maneira de dizer (telling) (ZACARELLI e GODOY, 2013, p. 28).

Diante disso, com as informações coletadas, irei analisar se o (s) objetivo (s) geral e específicos foram realmente alcançados, para que isso ocorra irei trabalhar de forma minuciosa, interpretativa e não apenas superficial, para que não afete no resultado a qual a pesquisa procurou alcançar.

5.5 Cuidados éticos

Para os cuidados éticos, tanto para pesquisa quanto para os pesquisados, ou seja, os/as jovens, primeiro será explicado sobre o que a pesquisa procurar abordar e de como ela tende a trabalhar, para que durante a coletas de informações eles já tenham uma noção sobre o assunto a qual se espera coletar.

Ao mesmo tempo, além de perguntar se querem participar, irei emitir um termo de permissão e autorização, para que os sujeitos se sintam à vontade durante as entrevistas, e que as suas narrativas sejam utilizadas na pesquisa. É claro, que serão mantidos o sigilo e o anonimato dos jovens pesquisados.

Tomarei o máximo de cuidado durante a interpretação das informações, para não distorcer as palavras narradas dos/as participantes.

REFERÊNCIAS

BARÓ, I. M. **Psicologia de la liberaciòn**. Editora: Trota, 1998.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BUSIN, V. M. Religião, sexualidades e gênero. **Revista de estudos da religião**, no 01 • Jan/jun. 2011, p. 125. Disponível em: <https://revistas.puesp.br/index.php./sever/article/view/6032>. Acesso em: 06. 02. 2018.

CASSAB, Clarice: Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. Locus: **Revista de história**, Juiz de Fora, v. 17, n.02, p. 145-159, 2011. Disponível em: <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/viewFile/1687/1181>. Acesso em: 13.03.2018.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2014, p. 341.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 14.03.2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Penso, 2013, p. 256.

GIDDENS, A.; SUTTON, P. W. Conceitos essenciais da sociologia. In: **Sexualidade**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2016, p. 203 – 207.

GIUMBELLI, E. **Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 176.

Godoy, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresa** | v. 35, n. 2, p. 57-63 - mar./abr. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 11.05.2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true>. Acesso em: 13.03.2018.

JUCÁ, L. **Pacoti História e Memória**. Fortaleza, CE: Premium, 2014, p. 332.

LHOMOND, B. Sexualidade. In: **Dicionário Crítico do Feminismo**. 2009, p. 231 – 235.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2011.

MANOEL, I. Ap. História, religião e religiosidade. **Revista de Cultura teológica** - v. 15 - n. 59 - abr./jun. 2007, p. 105 – 128. Disponível em: <https://revistas.puesp.br/index.php/culturates/article/view/15668>. Acesso em: 14.03.2018.

NARDI, H. C.; RIOS, R. R.; MACHADO, P. S. Diversidade Sexual: políticas públicas e igualdade de direitos. Athenea Digital. **Revista de Pensamento e Investigación Social**, Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha, vol. 12, núm. 3, novembro, 2012, p. 255-266. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/537/53724611016/>. Acesso em: 29.03.2018

TEIXEIRA, F.; MENEZES, P. **Religiões em movimentos o censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SILVA, C. G. da; SANTOS, A. O.; LICCIARDI, D. C.; PAIVA, V. **Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez**. Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a06>. Acesso: 05.03.2018.

TEIXEIRA, E. F. B.; MÜLLER, M. C.; SILVA, J. D. T. da. **Espiritualidade e Qualidade de Vida**. In: Apresenta artigos do Encontro Gaúcho de Espiritualidade e Qualidade de Vida, PUCRS, 2003, Porto Alegre - RS. EDIPUCRS, 2004, p. 224. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n2/v27n2a13>. Acesso em: 21.03.2018

TRANCOSO, A. E. R. **Juventudes: o conceito na produção científica brasileira**. 2012. 22 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1253>. Acesso em: 31.03.2018.

TRENCH, B.; ROSA T. E. C. **Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. São Paulo: Instituto de Saúde, (Temas em Saúde Coletiva, 13), 2011, p. 290. Disponível em: <http://portal.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude-/homepage/temas-saude-coletiva/pdfs/>. Acesso em: 15.03.2018.

ZACCARELLI, L; GODOY, A. “Deixa eu te contar uma coisa...”: Possibilidades do uso de narrativas e suas análises nas pesquisas em organizações. **Revista Gestão Organizacional** vol. 6 – ed. especial – 2013, p. 37. Disponível em: <http://search.proquest.com/openview/4a08807ce5ac659e329ccab641e4779e/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2030162>. Acesso em: 17. 05.2018.